




**"MAIS RESPEITO PRA FALAR DAS BICHAS": (RE)EXISTÊNCIA NA ERA DIGITAL AO SOM DO COLETIVO QUEBRADA QUEER**

**"MORE RESPECT TO TALK ABOUT THE QUEERS": (RE)EXISTENCE IN THE DIGITAL AGE ON THE SOUND OF THE COLLECTIVE QUEBRADA QUEER**

**"MÁS RESPETO PARA HABLAR DE LOS MARICAS": (RE)EXISTENCIA EN LA ERA DIGITAL AL SONIDO DEL COLECTIVO QUEBRADA QUEER**

Nadson Fernando Nunes da Silva<sup>1</sup>

Sandra Nazaré Dias Bastos<sup>2</sup>

 10.21665/2318-3888.v9n17p179-200

## RESUMO

Esse texto discute a performance artística e a representatividade dos corpos em meios midiáticos. Tomamos como corpus de pesquisa músicas, material visual e entrevistas do coletivo Quebrada Queer para descrever e analisar como esses sujeitos criam resistências para marcar o lugar da diferença, da identidade, da sexualidade e do gênero dentro de instâncias culturais. Com isso, colocam em circulação processos narrativos que contam de outra forma os corpos-bicha colocando-os como possibilidade de (re)existência que rompe com engessamentos binários.

**Palavras-chave:** Corpo. Mídia. Performance. Sexualidade.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação em Ciências e Matemáticas pela Universidade Federal do Pará (IEMCI-UFPA). Especialista em Educação e Interculturalidade na Amazônia pela Faculdade de Educação do Campus Universitário de Bragança (FACED-UFPA). Licenciado em Ciências Naturais pelo Instituto de Estudos Costeiros (IECOS-UFPA). E-mail: nadsonfernando14@gmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação em Ciências e Matemáticas pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora do Instituto de Estudos Costeiros (IECOS-UFPA), Faculdade de Ciências Biológicas. Docente do Programa de Pós Graduação em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA), Campus Universitário de Bragança. E-mail: sbastos@ufpa.br

**ABSTRACT**

This text discusses the artistic performance and the representativeness of the bodies in media. We take as a corpus of research music, visual material and interviews of the Quebrada Queer collective to describe and analyze how these subjects create resistance to mark the place of difference, identity, sexuality and gender within cultural instances. Through their artistic work, the e group puts into circulation narrative processes that create another storytelling to the queer-bodies, placing them as a possibility of (re) existence that breaks with binary plaster castings.

**Keywords:** Body. Media. Performance. Sexuality.

**RESUMEN**

Este texto discute la performance artística y la representatividad de los cuerpos en medios mediáticos. Tomamos como corpus de pesquisa músicas, material visual y entrevistas del colectivo “Quebrada Queer” para describir y analizar como esos sujetos crean resistencias para marcar el lugar de la diferencia, de la identidad, de la sexualidad y de género dentro de instancias culturales. Con esto, colocan en circulación procesos narrativos que cuentan de otra forma los cuerpos-maricas colocándolos como posibilidad de (re)existencia que rompe con enyesados binarios.

**Palabras clave:** Cuerpo. Multimedia. Performance. Sexualidad.

## Introdução

A bicha nasce de um relance! Tal operação implica dizer que a bicha existe como uma flecha que, após lançada e atingir certo local, pode ser relançada quantas vezes forem possíveis. Por isso, a bicha se espalha e já nem se sabe o ponto de onde partiu, pois os rumos que percorre assinalam que ela só existe sendo lançada. Mesmo quando atinge um fim, torna-se meio, via, ponto onde incide. Não há origem nem término que possam eliminar ou apagar as singularidades possíveis. A bicha é um ponto de ruptura no decorrer da história, não sendo nem princípio nem conclusão (ZAMBONI, 2016).

Esse ponto de ruptura atravessa o universo do sujeito que passa a existir dentro dos meandros socioculturais como corpo sem nexos, desconfigurado e que não obedece às regras “ordenadas” do sistema. Visto como imagem borrada nas massas sociais, fala-se dele por meio de termos considerados pejorativos: “bichinha”, “viado”, “boiola”, “fresco”, “mulherzinha”. Adjetivos que não apenas denominam os corpos que estão fora do jogo regulamentar das identidades, mas que os colocam em posição subalterna e marginal diante das identidades possíveis e ditas “normais”.

Resistentes aos encaixotamentos estruturantes e limitadores, a comunidade LGBTQIA+, se apropria desses termos pejorativos e os toma como marcas de empoderamento da comunidade gay. Emprega-se o termo *queer* para referir-se às pessoas que não se enquadram na norma heterossexual, conferindo a elas o estatuto de “estranho” ou “bizarro”. Essa (re)significação se institui como afirmação dos sujeitos que promovem abalos nas estruturas que se pretendem normatizadoras e normalizadoras do sujeito (SALIH, 2015).

É importante considerar que na heteronormatividade o termo *queer* não equivale a uma defesa de sujeitos não-heterossexuais. Antes de tudo, ele é empregado como definidor do empreendimento desconstrutivista dessa corrente teórica com relação à ordem social e aos pressupostos que embasam visões de mundo, práticas e epistemologias (MISKOLCI, 2009).

Por entre essas modulações e por meio de rotas de fuga que rompem com conceitos essencialmente biológicos, o corpo desestruturado da bicha se desloca e escapa das nomenclaturas esquematizadas das condutas sociais, diluindo-se por entre linhas que rompem com noções pré-esquematizadas e estruturantes de corpo e gênero.

Nesse contexto, é preciso considerar gênero como construção social que carrega significados que nos permitem afirmar que, dentro de diferentes contextos culturais, os significados em torno do masculino e do feminino são reproduzidos e também transformados (GARCIA; TOSCANO, 2014). Cabe ainda dizer que as relações de gênero são instituintes e instituídas por afinidades de poder (VIANNA, 1999) que é aqui discutido dentro de uma matriz que não o entende como posse, mas como relação. O poder que atravessa todo o corpo social de forma sempre minuciosa, muitas vezes íntima e que define certos modos de investimento político e detalhado do corpo em uma “microfísica do poder” (FOUCAULT, 2009b, p. 119). Para Foucault o poder não é algo que se adquire, arrebate ou compartilhe, algo que se guarde ou deixe escapar. O poder é exercido a partir de:

Inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis; as relações de poder não se encontram em posição de exterioridade com respeito a outros tipos de relações (processos econômicos, relações de conhecimentos, relações sexuais), mas lhes são imanentes [...] As relações de poder não estão em posição de superestrutura, com um simples papel de proibição ou de recondução; possuem, lá onde atuam, um papel diretamente produtor (FOUCAULT, 2009b, p. 89-90).

Amplamente “disseminado, ele vai agir por meio de inúmeros aparatos culturais” fazendo circular diferentes significados (GIROUX, 1995, p. 134), produzindo e dinamizando valores, crenças, sentimentos, preconceitos, formas de ser e de viver no meio social. Para Louro (2008) essas construções dão-se através de inúmeras aprendizagens e práticas, nas mais distintas situações. É um processo minucioso, sutil, sempre inacabado, onde a família, escola, igreja, instituições legais e médicas mantêm-se, por certo, como instâncias importantes nesse processo constitutivo.

Dentro desse contexto, o que a biologia nos ensina sobre corpo é muito pouco diante do potencial que o corpo pode assumir, fazendo desaparecer aquilo que, por outro caminho,

a sociedade, a história, e a cultura nos ensinam sobre a pessoa (LE BRETON, 2003). Do ponto de vista biológico, a pessoa não existe, é uma realidade social. A biologia diz que o corpo é um mecanismo impessoal, resultado de interações entre moléculas, a conjunção de células especializadas que se organizam para formar o organismo, ou seja, nessa concepção o corpo é uma manifestação do mundo natural.

No entanto, julgamos importante pensar e problematizar o corpo para além do biológico para vê-lo enquanto identidade, como construção política, histórica e cultural, que constantemente fala, problematiza. Dessa forma, um corpo não é somente um amontoado de células, órgãos e sistemas, para, além disso, ele é o amálgama de significados culturais que cotidianamente nele são produzidos (SILVA; VALENÇA, 2016).

Podemos nos perguntar: em quais circunstâncias se educa e se molda um corpo? Com quais ferramentas? Guacira Lopes Louro (2000) nos dá algumas pistas quando destaca e evidencia a sexualidade, a identidade e o gênero como construções sociais impostas socialmente, de forma consciente ou não, e que determinam regras, valores e condutas que se assentam como “padrão de normalidade”. Apesar de todas as oscilações, contradições e fragilidades que marcam esse investimento cultural, a sociedade busca, intencionalmente, através de múltiplas estratégias e táticas, “fixar” uma identidade masculina ou feminina “normal” e duradoura adotando como único modelo possível a identidade sexual heterossexual.

A imposição de um único modelo possível contém e silencia os corpos que transgridem essa fronteira. Corpos ditos desajeitados ou fora da linha que compõem o jogo social, são convidados constantemente a se posicionarem nas margens, a passarem despercebidos ou são visibilizados ocupando sempre o lugar do negativo. Por se distanciarem da imagem heteronormativa, que os desvia dos códigos preconizados para cada gênero, os corpos desviantes não cabem nos livros didáticos, na história e não aparecem nos comerciais de margarina ocupando espaço dentro da “família feliz” equilibrada e simétrica que nos é constantemente vendida.

Dizer que gênero é uma norma, não é exatamente o mesmo que dizer que existem visões normativas de feminilidade e masculinidade. Mesmo que tais visões normativas

claramente existam, o gênero não é exatamente o que alguém “é” nem é precisamente o que alguém “tem” (BUTLER, 2014). Gênero é o aparato pelo qual a produção e a normalização do masculino e do feminino se manifestam junto com as formas intersticiais, hormonais, cromossômicas, físicas e performativas que o gênero assume. O que torna o processo de criação da diferença sexual uma operação tecnológica de redução que consiste em extrair determinadas partes da totalidade do corpo e isolá-las para fazer delas significantes sexuais (PRECIADO, 2014, p. 26).

Ao analisarmos essas questões, voltamos o nosso olhar para as representações de corpo e identidade a partir das músicas do grupo de Rap LGBTQIA+ *Quebrada Queer*, formado por Guingo, Harley, Lucas Boombeat, Murillo Zyess, Tchelo Gomez e a DJ Apuke, que usam os seus próprios corpos como elementos performáticos para borrar os padrões do sistema heteronormativo. Partimos da hipótese de que tanto as mensagens como as linguagens veiculadas pela mídia, enunciam significados e juízos de valor (VIANNA; SETTON, 2002) e, nesse sentido, buscamos nos aproximar do posicionamento da teoria *queer*, que esses artistas assumem por meio da musicalidade e produções audiovisuais, para discutir como o corpo pode se apresentar como elemento de resistência aos aprisionamentos das identidades heteronormativas que nos são ofertadas como possíveis.

Nossa análise se concentra nas músicas: *Quebrada Queer* e *Pra quem duvidou* (e seus videoclipes) lançadas em 2018, e algumas entrevistas concedidas pelo grupo a veículos de comunicação e que estão disponíveis nas plataformas digitais. Olhamos esse material buscando mapear os discursos sobre corpo e identidade que se impõem como mecanismos de resistência aos padrões heteronormativos. Nesse caminho foi preciso escutar as músicas, transcrevê-las e interrogá-las no sentido de identificar quem fala, de que lugar está falando e o que fala sobre o que é resistir aos padrões identitários socialmente impostos. Nossas análises baseiam-se na concepção de que os discursos veiculados nas músicas constituem um texto que “precisa ser analisado em sua capacidade de governar e de produzir sujeitos”, prescrevendo saberes, modos de ser e se posicionar no mundo (MAKNAMARA, 2014).

Isso implica o exercício de olhar as músicas como instâncias pedagógicas que na cultura contemporânea se constituem como espaço aglutinador dos hábitos, saberes, sonhos, costumes e valores que permanentemente circulam e entram em conflito no terreno da cultura. As músicas não apenas nos fazem cantar, dançar e divertir, elas carregam teias de significações, valores e sentimentos que interagem com a vida cotidiana das pessoas e dos grupos sociais, produzindo tipos particulares de experiência (MAKNAMARA, 2014).

Tomamos esse material em virtude do grande sucesso atingido logo nos primeiros meses de divulgação do grupo e pelo elevado número de acessos ao conteúdo disponível em meios digitais. Procuramos observar e discutir como esse material audiovisual dá significado às diferenças, sejam elas de corpo ou de gênero e, para além disso, como essas músicas se manifestam como processo de resistência.

## **Corpo e (recri)Ação na era digital**

Para Michel Foucault (1979), o corpo é a superfície de inscrição dos acontecimentos, pois é sobre ele que o poder atua imprimindo as marcas culturais que nos fazem não apenas identificar e nomear que corpo é esse, mas como classificá-lo e hierarquizá-lo. Dessa forma, corpo não é apenas natureza.

Nesse sentido, é importante destacar o potente veículo que a mídia assume na produção de identidades que são consumidas avidamente pela nossa sociedade. Muito mais que comunicar, a mídia não só nos apresenta, mas põe em circulação uma séria de valores, concepções e representações que nos envolvem em um aprendizado longo e contínuo (FISCHER, 2002). Sendo assim, muito do que consideramos ser “natural” ou “normal” resulta do que aprendemos a ver desse modo.

O papel das mídias na sociedade pode ser pensado a partir do seu poder de propor definições da realidade via agendamentos e tematizações. Nestas definições da realidade, além de um trabalho de reprodução de elementos da cultura e da sociedade que a constitui e da qual participa ativamente, pode ser percebido também esse trabalho discursivo concomitante de produção e instituição de sentidos. O conjunto de

discursos da mídia (revistas, jornais, televisão, rádio, cinema etc.) traz uma multiplicidade de ‘vozes’ propondo diferentes definições do que seja “certo”, “bom” ou “bonito”. Estas definições são apresentadas sutilmente, sem estardalhaço: elas apenas estão ali – ou não estão (BRAGA, 2009).

De uma forma geral, as representações midiáticas ligadas ao gênero são bastante estereotipadas. A homossexualidade, na maioria das vezes, é motivo de piada ou de curiosidade e a bicha, quando aparece, é representada por uma figura caricata que é quase indispensável nos programas de humor (MIRA, 2003).

Como contraponto, nos últimos anos, é possível observar um discreto aumento na visibilidade de artistas trans que até então eram considerados à margem da sociedade devido a não adesão aos padrões hegemônicos no que diz respeito a gênero, sexualidade, estética e performance de corpo e identidade. Subvertendo a ordem imposta, os grupos trans tem dado voz/visibilidade/reconhecimento midiático a essas pessoas, suas representações identitárias e seus perfis que rotineiramente são considerados como inadequados e que por esse motivo devem ocupar as margens da sociedade (SANTOS; DUQUE, 2019).

Esse movimento de resistência e (re)existência funda suas bases nos movimentos das periferias que surgem pautados por uma agenda política urgente. Imerso nesse contexto, é preciso considerar que o grupo *Quebrada Queer* faz parte de um movimento cultural mais amplo que pretende não somente dar a conhecer o que é produzido nessas margens, mas acima de tudo, mostrar os processos de existência e resistência que são desenhados a partir das opressões e violências que seus corpos sofrem cotidianamente. Segundo Santos e Ramos (2021) esse movimento periférico, que acima de tudo é também político, é formado por camadas subalternizadas sendo construído a partir da luta de negros e pobres por direitos básicos de moradia, segurança, educação, trabalho entre tantos outros direitos. Os autores salientam que é a partir de uma gramática comum, acionada e divulgada especialmente pelo movimento *hip-hop* durante os anos 1990 e 2000, que são levantadas questões que “pavimentam um caminho que faz a associação entre problemas locais e questões estruturais, fornecendo uma carga cognitiva para que outras lutas surjam associadas entre si nesse movimento cultural” (SANTOS; RAMOS 2021, p.10).



Valmir Souza (2011) argumenta que as culturas periféricas apresentam um alto grau de ‘inacabamento’ exatamente por serem vivas, pulsantes e intrinsecamente ligadas às demandas e mudanças sociais e, por esse motivo, não devem ser essencializadas ou vistas como uma reserva cultural. Para além dos *slogans* da mídia, é preciso considerar que esses artistas ressignificam os espaços públicos, atuando como interlocutores sociais legítimos que dialogam com os discursos das mídias, das manifestações urbanas e das artes consagradas, produzindo com isso uma verdadeira mixagem cultural.

Nesse contexto os *manos*, as *minas* e as *monas* emergem como vozes de resistência ao se fazerem presentes como estrutura performática anunciando que querem falar por si mesmas, sem intermediários: “Minha vida sou eu quem canto, nossa vivência quem sabe é nós/Intérprete da minha história, honro a trajetória/Ninguém me dá voz, eu já tenho voz<sup>3</sup>”

No movimento performático que desenham, os integrantes do grupo *Quebrada Queer* trazem elementos comumente atribuídos aos universos masculino e feminino e os misturam subvertendo a ordem previamente imposta. Tatuagens, perucas longas de cabelo cor de rosa, pupilas negras, salto alto, barbas cerradas se inscrevem, por vezes, em um mesmo corpo compondo mosaicos que falam diretamente ao espectador olhando-o nos olhos. Como coletivo, dizem que o grupo é: “algo muito maior do que um time de seis integrantes. O Quebrada Queer somos nós, mas também são as pessoas que se sentem representadas pelo nosso trabalho<sup>4</sup>”.

Na condição de meio de comunicação social, a mídia cotidianamente nos apresenta imagens que consumimos e que assumem uma participação decisiva na formação das pessoas, mais enfaticamente na própria constituição do sujeito contemporâneo. Entende-se que as produções em seu processo de veiculação, constroem significados e sentidos acerca de pensar e ser no mundo, estabelecendo uma estreita conexão com as produções audiovisuais (FISCHER, 2002). Assim, tais mecanismos se fazem presentes na

---

<sup>3</sup> Trecho da música “Quebrada Queer”.

<sup>4</sup> Entrevista disponível em: <<https://revistahibrida.com.br/revista/edicao-3/musica-o-grito-coletivo-do-quebrada-queer/>>. Acesso em agosto de 2020.

configuração da constituição de identidades, impondo por meio dos seus discursos representações figurativas de masculinidade e feminilidade. Como afirma Larrosa,

Se a experiência de si é histórica e culturalmente contingente, é também algo que deve ser transmitido e ser aprendido. Toda cultura deve transmitir um certo repertório de modos de experiência de si, e todo novo membro de uma cultura deve aprender a ser pessoa em alguma das modalidades incluídas nesse repertório. Uma cultura inclui os dispositivos para formação de seus membros como sujeitos ou, no sentido que vimos dando até aqui à palavra "sujeito", como seres dotados de certas modalidades de experiência de si (LARROSA, 1994, p. 43).

Para Pelúcio (2012), a mídia, em todos seus desdobramentos, tem se mostrado um poderoso campo de produção de conhecimento, assim como de manutenção e reprodução das convenções sociais sobre masculinidades, feminilidades, orientação sexual, além de raça, classe e geração. É por meio dela que aprendemos e disseminamos modos de ser e olhar o mundo. Por meio dessas conexões, a mídia digital modula as fôrmas e ensina a marcar os lugares para preencher determinados corpos e formas de ser, sendo homem, mulher ou mesmo nenhuma dessas categorias. Ela se constitui como processo que produz efeitos latentes.

Para Preciado (2014), a natureza humana nada mais é que um efeito da tecnologia social que reproduz nos corpos, nos espaços e nos discursos a equação natureza *versus* heterossexualidade. O sistema heterossexual é um dispositivo social de tradução da feminilidade e masculinidade que opera para divisão do corpo: recorta órgãos e gera zonas de alta intensidade sensitiva e motriz (visual, tátil, olfativa...), que depois identifica como centros naturais e anatômicos da diferença sexual.

Por isso, ao pensarmos nas formas pelas quais se deslocam essas produções, sendo ao mesmo tempo fonte de entretenimento e indicador de tempo e espaço, o sujeito assume para si sentidos a partir das configurações sociais. Thompson (2011) nos diz que os meios de comunicação estão intrinsecamente ligados às formas de ação e interação com as quais os indivíduos criam e se apropriam do meio como marca representativa.

É daqui então que surge a condição subjetiva da emergência dos novos protagonismos midiático-culturais: a insatisfação com a desumanização da condição autárquica do

indivíduo. Esta condição subjetiva que atua como mola propulsora da construção deste novo ativismo, se manifesta pela emergência destes protagonismos midiático-culturais na eminência de novos protagonismos de resistência (OLIVEIRA, 2016).

Os movimentos de resistência emergem de inúmeros conjuntos, entre eles o movimento homossexual, que para Foucault (2004) tem mais necessidade hoje de uma arte de viver do que de uma ciência ou um conhecimento científico (ou pseudocientífico) do que é a sexualidade. A sexualidade faz parte de nossa conduta, da liberdade em nosso usufruto deste mundo, sendo algo que nós mesmos criamos, ela não é descoberta de um aspecto secreto de nosso desejo, ela é nossa própria criação. Por isso, o sujeito necessita cada vez menos de uma identidade fixa ou permanente, buscando traços representativos para se (des)construir, o que leva a variadas formas de (per)formar sua existência.

Essa transformação em relação aos contornos pelos quais somos interpretados ou interpelados nos sistemas culturais que nos circulam, faz da identidade uma "celebração móvel". O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de "eu" coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Essas identidades não estão impressas em nossos genes, estão constantemente sendo formadas e transformadas (HALL, 2006, p. 13). Por entre essas modulações, que compõem o sentido de identidade, o corpo aparece como meio sobre o qual se escrevem significados ou:

como instrumento pelo qual uma vontade de apropriação ou interpretação determina o significado cultural por si mesma. Em ambos os casos, o corpo é representado como um mero instrumento ou meio com o qual um conjunto de significados culturais é apenas externamente relacionado. Mas o corpo é em si mesmo uma construção, assim como o é a miríade de corpos que constitui o domínio dos sujeitos com marcas de gênero (BUTLER, 2003, p. 27).

A imagem de corpo encontra-se de algum modo aproximada à imagem de produto e, nesse contexto, ganha destaque porque assume o lugar de referência para as identidades cambiantes: o sujeito não está preso a uma imagem de corpo, ele pode alterá-la, alterando, assim, sua representação.

Desta maneira, o corpo utiliza-se de ferramentas tecnológicas e da mídia como referências sociais para expressar esses traços identitários, desse modo, o corpo:

É um lugar de possibilidades, se abre para novos olhares, a partir do que se tem em seu próprio lugar, volta para o mesmo caminho, entre as linhas, para poder caminhar em outra direção, clareia sentidos, move-se perante uma rede enigmática de dígitos, vozes, sons e imagens (FREIRE, 2018, p.46).

A partir dos movimentos pelos quais os corpos são produzidos na sociedade, as representações ganham visibilidade em uma lógica de exhibir-se ao sistema como processo de recriação de sua identidade, pois é por esse processo de enunciação que um sujeito se produz e é produzido (SCHÄFFER, 1999).

O universo cultural representa normalmente esses corpos desviantes nas margens do sistema hegemônico e ressaltam através da arte o contraste, que subverte a ordem do sistema quando produz novas e outras possibilidades de fronteiras culturais. Desta forma, para Furlani (2013) esse exercício é não somente importante como necessário para compreensão do processo da desconstrução da normalidade. “É preciso colocar em questão a diferença que ela institui e considerando que as regras linguísticas são criadas num contexto histórico de poder, dessa mesma forma elas poderão ser modificadas” (FURLANI, 2013, p. 70).

Submetido às inúmeras tentativas de se desconstruir por processos pessoais, o corpo sendo ao mesmo tempo um código de experimentação, aqui escapa por entre fissuras da lógica identitária das representações sociais e da naturalização de uma sexualidade fixa.

### ***Quebrada Queer: Expressão e Resistência***

Usando as vias midiáticas como *lócus* de pesquisa, a partir das letras das músicas: *Pra quem duvidou* e *Quebrada Queer* (2018), buscamos olhar além dos conceitos de imagem e performance, desdobrando para questionamentos sobre padrões estabelecidos de

sexualidade, identidade tomando como ponto de partida o corpo-bicha que aqui passa a (re)existir e resistir, por entre escritos da teoria *queer*.

A teoria *queer* não necessariamente revela uma nova identidade, mas legitima as experiências já existentes, das quais muitos sujeitos têm se apropriado como possibilidade de manifestação em meio a um sistema de produção e manutenção de uma lógica hegemônica (OLIVEIRA, 2017). Um exemplo dessa possibilidade é o grupo de Rap *Quebrada Queer* que, por meio da arte, procura desestabilizar o sistema, mostrando aqueles que, até então, não tinham voz e nem rosto e que rotineiramente eram mostrados de forma pejorativa como corpos gritantes, desajeitados, exagerados, fora das formas, dentro de uma identidade unificada e dita “gay”.

Procurando abandonar as margens que foram desenhadas socialmente como lugares-destino o grupo anuncia:

Nóis tá aqui por cada bicha com a vida interrompida/Por causa de homofobia, ódio e intolerância/Resistimos no dia a dia/Pra poder chegar o dia que prevaleça respeito, igualdade e esperança/Já tenho um caminho/Agora eu quero ver quem tá somando por mim (por mim)/Tô no meu destino, quem constrói os degraus, sabe que não vai cair/Bem, não há rola nesse mundo que nos proíba de ocupar/Não há mano nessa cena que tente nos silenciar/[...]Cê trombou com as bicha errada e agora vai ter que escutar/Esse é só o primeiro desabafo que tá entrando pra história/[...] Vai ter bicha no rap sim! E eu nem sou pioneiro (vrá)<sup>5</sup>.

A conquista de um lugar privilegiado de fala garante visibilidade ao que é dito. Como nos ensina Foucault (2009a), em nossa sociedade os discursos tem ligação com o poder e ganham *status* de verdade aqueles pronunciados por quem de direito, conforme ritual requerido, aquele que ao profetizar o futuro anuncia o que vai se passar ao mesmo tempo em que promove a sua realização, arregimentando adesões, apresentando-se posteriormente como destino. A possibilidade de aparecer, e ter voz, é uma potente “ferramenta de empoderamento e autoaceitação” além de “levar informação também<sup>6</sup>”. Com seu desejo de verdade, ou, melhor dizendo, com sua vontade de aparecer e ganhar

<sup>5</sup> Trechos da música “Quebrada Queer”.

<sup>6</sup> Entrevista disponível em: <<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2020/03/03/como-o-quebrada-queer-quer-levar-temas-lgbt-ao-rap-conheca-o-coletivo-e-ouca-musicas.ghtml>>. Acesso em agosto de 2020.

destaque o que se quer é “exercer sobre os outros discursos, uma espécie de pressão” (Foucault, 2009a), é colocar em circulação a anúnciação de outras possibilidades de existência.

É dessa forma que o grupo convida: “Se a minha pele é o que incomoda, eu te convido a vir vestir<sup>7</sup>”, ao mesmo tempo em que afirma com veemência o que pretende: “Me empoderei, vai vendo/Pro sistema eu não me rendo/Que impõe ‘é isso, aquilo’/Sabe o que eu faço? Aquendo<sup>8</sup>/Não vim só pra cantar, nem vou me redimir/Vim jogar na sua cara: O que cê diz ser mimimi <sup>9</sup>”.

Mostrando o corpo como expressão, abertura de muitos signos, se revestindo dele como criação própria, o grupo afirma sua resistência como bichas afeminadas, bichas pretas, bichas travestis, e vários outros múltiplos modos de se fazer bicha, mostrando corpos que não cabem em um padrão que se pretende normativo. Ao se fazerem presentes midiaticamente, enviam um convite para a sociedade vestir-se de suas histórias, lutas, feitos e defeitos promovendo um rompimento com aquilo que se considerava como incômodo e inaceitável. Essas representações narradas sobre marcas de corpo vivo é o que Samarão (2009, p. 172) nomeia de corpo-mídia, ou seja, “corpo construído para significar e ganhar significados”, que visa demarcar sua natureza imagética, tendo papel de reafirmar, divulgar e, às vezes, promover novas percepções das imagens de corpo. Assim, o grupo não está sozinho: “Nós tá aqui por cada bicha com a vida interrompida/Por causa de homofobia, ódio e intolerância/Resistimos no dia a dia/Pra poder chegar o dia que prevaleça respeito, igualdade e esperança<sup>10</sup>”.

Ao tomar posse desse lugar de fala, as bichas gritam alto para serem ouvidas e sentidas, aparecendo em performances que aclamam aqueles que elas chamam de excluídos. Falam em nome das vidas interrompidas, feridas, excluídas, daqueles apontados como diferentes, esquisitos, fora do padrão. Falam em nome de todas as vidas borradas, intimadas constantemente a corrigirem-se para entrar em um determinado “padrão”:

---

<sup>7</sup> Trecho da música “Quebrada Queer”.

<sup>8</sup> Aquendar: chamar para prestar a atenção.

<sup>9</sup> Trecho da música “Quebrada Queer”.

<sup>10</sup> Trecho da música “Pra quem duvidou”.

“senta como menina”, “fala como homem”, “meninos não choram!”, “corta esse cabelo, está parecendo uma mulher”.

Louro (2003) afirma que os padrões servem para definir comportamentos e perpassam por coisas muito simples e cotidianas como nossos modos de vestir, falar e de nos relacionar conosco e com os outros. Ao assumirmos papéis específicos, passamos a conhecer e identificar o que é socialmente considerado apropriado (ou não!) para cada gênero e todos (sem exceção!) devem não só se enquadrar, mas corresponder a essas expectativas.

E assim, alguns corpos e desejos são silenciados dentro de algumas instituições como a família, a escola e a religião, por exemplo. Cientes desse processo, as letras são apresentadas em texturas de empoderamento, escapamento, e retratam a luta para dar voz e lugar aos marginalizados pelo termo da diferença. Diferença que agora passa a ser veículo, trânsito, resistência, (re)existência:

Quebrando armários, extermínio à normatividade/Revolução! Bicha preta se amando de verdade/Botando fogo nas regras dessa sociedade/Vai falar mal, mas vai assistir a nossa liberdade/Vamo assistir você ouvindo a nossa realidade/Tirando nossas capas de invisibilidade<sup>11</sup>.

Escancarando seus corpos e suas formas de ser, o coletivo deixa para trás o armário social, os enquadramentos normativos falando em revolução que nada mais é que uma mudança de rota para as bichas. Uma rota que pode ser escolha, caminho, independência dos seus próprios desejos, que pode ser deslocamento e modulação. Dentro dessa vertente, o próprio corpo dita as regras, desenha outras linhas, cria caminhos e se (re)veste de outras possibilidades de existência, rompendo com os padrões e se refazendo por vias de outras verdades para (de)marcar outros lugares:

Minha vida sou eu quem canto, nossa vivência quem sabe é  
nois/Intérprete da minha história, honro a trajetória/Ninguém me dá  
voz, eu já tenho voz/Somos um só, vocês que dividiram/Por fatos no qual

---

<sup>11</sup> Trecho da música “Quebrada Queer”.

não te atingiam/Bando de fã encubado/Sigo honrando meu legado de  
nascer viado/Onde piso é solo fértil, sangue derramado<sup>12</sup>.

As bichas não aceitam mais dublagens de suas histórias, querem falar por si e por outras. Elas se transmutam em vozes, criação e ação para contar, falar sobre suas trajetórias, trazendo à tona os mecanismos que a sociedade utiliza para assentar corpos por meio de teorias biológicas que afirmam localizações dicotômicas de homem/mulher, macho/fêmea, masculino/feminino.

Para Judith Butler (2014), é preciso desconfiar da ideia de que gênero é um atributo pessoal, caracterizado essencialmente como núcleo preestabelecido ou substância, que se manifestaria a partir de uma concepção universal de pessoa. Para a autora, gênero é uma construção que vem de um certo determinismo de significados, inscritos em corpos anatomicamente diferenciados, sendo esses corpos compreendidos como recipientes passivos de uma lei cultural inexorável. Quando a “cultura” relevante que “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino.

Rompendo com esse determinismo, o coletivo *Quebrada Queer* se apresenta às manas e aos manos como vieram ao mundo: nem homem, nem mulher, mas bichas. Retratam em voz e melodia os muitos outros corpos desviados aos quais não é permitido aparecer, ou, quando aparecem, é de forma distorcida do que se entende por bicha, preta, pobre, favelada. Não há apelação para risadas ou piadas pretensamente engraçadas pelas quais se naturaliza pelo humor degradante a bicha extravagante, colorida, gananciosa, histriônica. O que se propõem agora é apostar na era digital para expor o próprio corpo-bicha em alinhamento com outra escrita corporal que se vale da arte que passa a ser o lugar para que elas mesmas possam ser intérpretes de suas verdades: “*Mais respeito pra falar das bicha, Conserve seus dente*”<sup>13</sup>.

O grupo de Rap utiliza-se do alcance das mídias sociais como ferramenta para performar seus discursos. Ali elas falam quem são, de onde vêm e com isso mostram seus modos de

<sup>12</sup> Trecho da música “Quebrada Queer”.

<sup>13</sup> Trecho da música “Pra quem Duvidou”.



ser/ver o mundo. Ao fazerem isso, afrontam, usando o corpo e a arte para desafiar as normas hegemônicas e as relações de poder. Com isso, a presença de pessoas trans no ciberespaço, assim como em qualquer outro lugar, é fundamental para que interações sociais sejam criadas, e partir de tais práticas, atualizem-se representações que não necessariamente associem transexualidade ao hétero estereótipo-negativo (SANTOS; SILVA, 2018).

*Cheio de deboche quero mais é incomodar (vrau)/Com a mente amolada/E a língua afiada/Aqui são 6 facadas perfurando sua escrotidão (ai)/Me achou ofensivo, então eu só lamento/Vem sentir na minha pele o que diariamente era o meu tormento/Aqui não apavora, não! Nas mana não encosta, não!<sup>14</sup>.*

Ao cantarem as adversidades de uma vida arriscada, elas, ao mesmo tempo, avisam que o momento é de luta. Não há medo e não haverá retrocesso. As “seis facadas” esgarçam as armadilhas que pretendem prender o corpo bicha a uma narrativa única (e de impossibilidade) dentro da trama social. Elas desalojam ainda aqueles que se apropriam dos discursos sobre de igualdade de direitos e valorização da diferença para falarem por elas. Não se quer mais interlocuções intermediárias. O que se quer é falar de si, intensamente, com conhecimento e vivência de causa: “Cês falam muito e não dão nada pra mim/Falam demais e não dão nada pra mim/Esperam meu fim/Mas não é assim/Eu não vou rodar/Nossa união fez força/Quero ver quebrar<sup>15</sup>”

Diz-se muito para uma bicha, no relance do olhar, nas risadas camufladas, fala-se pelo canto da boca, na virada do corpo. É lá que a diferença se mostra pelo outro, sendo a bicha alvo dessa diferença. Para Louro (2008, p. 22), a diferença não preexiste nos corpos dos indivíduos para ser simplesmente reconhecida; ao contrário disso, ela é atribuída a um sujeito (ou a um corpo, uma prática, ou seja lá o que for) quando relacionamos esse sujeito (ou esse corpo ou essa prática) a um outro que é tomado como referência. A posição normal é, de algum modo, onipresente, sempre presumida, e isso a torna paradoxalmente invisível. Não é preciso mencioná-la. Marcadas serão as identidades que dela diferirem.

<sup>14</sup> Trecho da música “Pra quem Duvidou”.

<sup>15</sup> Trecho da música “Pra quem Duvidou”.

Assim, ao referir-se à bicha como corpo em movimento, como processo em constante construção e transformação e que foge às denominações, o grupo possibilita outras visibilidades e situa os corpos em outra dimensão. A mídia, nesse caso, assume um importante papel por servir de veículo para divulgação e disseminação de outras formas de narrar essas vidas. Mira (2003) alerta, no entanto, que é preciso afastar-se de uma visão unilateral da mídia, que a coloca como um poder externo e imposto à sociedade. Como meio de comunicação de massa ela faz parte da cultura moderna como um todo, sendo marcada por diferenças de classe, gênero, geração; atravessada por diversidades geográficas, étnicas e tantas outras. Dessa forma, a comunicação deve ser entendida na sua relação com a cultura na sua acepção mais ampla, se constituindo como modo de vida.

Transitar por essa outra possibilidade nos permite experimentar outras formas de ver o que antes estava no lugar comum. Guarienti (2012) defende que a aprendizagem dura por uma vida toda, se efetuando no combate ao intolerável e indo ao encontro de alianças potentes para criar forças, desviar e seguir adiante. A proposição de outras narrativas sobre o corpo-bicha mostra que a vida é composta de singularidades que “deambula por um mundo recortado de sentidos”. Os afetos que nos atravessam nos permitem um aprender deambulante que nunca é, mas está sempre em processo, em devir, em movimento e em velocidade.

Nesse processo, é preciso desconsiderar a ideia da existência de identidades unificadas e estáveis. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente. Como “celebração móvel”, as identidades são formadas e transformadas continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados em nossos sistemas culturais (HALL, 2006).

“Minas gritando hey, monas gritam ho/Pra quem duvidou, quebrada chega/Pra te incomodar/Bicha no jeito de ser/Bicha no jeito de andar/Se isso incomoda você/Vim pra incomodar<sup>16</sup>”

---

<sup>16</sup> Trecho da música “Pra quem Duvidou”.

Ao ousarem “quebrar os armários” visando o “extermínio à normatividade” o coletivo se propõe a instauração de uma “revolução!” com “bicha preta se amando de verdade” e “botando fogo nas regras dessa sociedade”. Ao mostrarem suas muitas faces, rompem a dicotomia de ser masculino ou feminino apostando em apenas SER. O desejo aqui é estar fora das linhas reguladoras, e viver como borrão que resiste ao jogo de papéis determinados, coerentes, centrados. É afirmar a existência de outros lugares e que “não caber na própria casa” é uma possibilidade para “sair pro mundo” e ao mesmo tempo “não caber no mundo”. É desenhar outros lugares, que podem ser ocupados por todas as bichas, suas lutas e infinitas histórias.

## Considerações Finais

*Queer* é o momento, é o deslocamento do corpo e da mente. É fluidez, oscilação, multi, plural, de impossível definição por estar se (re)inventando constantemente, ou seja, é a negação das normas, e também a proposta de (des)construção de algo novo, um movimento ético-estético político, que transgride, mas ao mesmo tempo propõe experimentações plurais que permeiam a diversidade de gênero, social, cultural e étnico-racial como seu principal recurso (OLIVEIRA, 2017).

Sendo movimento, torna-se múltiplo e esbarra por inúmeros espaços, pelo qual o corpo oscila entre marcas da diferença, erguendo-se das amarras normativas, que permitem por meio da arte (re)criar outros discursos, que alcançam por vias de resistência a diversidade. Esse tipo de luta, segundo Louro (2008), requer armas peculiares. Supõe estratégias mais sutis e engenhosas. Talvez por isso, alguns escapem à força dos embates culturais. Mas os movimentos sociais organizados (dentre eles o movimento feminista e os das minorias sexuais) compreenderam, desde logo, que o acesso e o controle dos espaços culturais, como a mídia, o cinema, a televisão, os jornais, os currículos das escolas e universidades, são fundamentais.

Utilizar o corpo como mecanismo de resistência traz para a comunidade LGBTQIA+ força e instabilidade para a luta dos seus, que são outros, que compartilham das mesmas ideias,

de liberdade de expressão e de imagem, deixando transparecer seus próprios rostos, vozes, corpos e modos múltiplos de SER. São artistas, compositores, músicos, para além disso, são homens, mulheres, bichas, viados, trans, e outras composições que se (re)produzem por linhas de movimentos, ação e existência.

Com objetivo de analisar as produções musicais nas categorias de corpo, identidade e gênero sobre a ótica das performances discursivas *queer*, refletimos sobre as vias de resistência que se utilizam dos meios digitais para acionar seus movimentos de luta. Isso nos leva a problematizar verdades absolutas e essenciais que engessam os sujeitos em identidades fixas e essencializadas. Pretendemos com essas discussões movimentar o pensamento no sentido de desenhar novas/outras linhas de fuga, principalmente nesses tempos de retrocesso que vivemos atualmente.

## Referências

BRAGA, Adriana. Corpo, Mídia e Cultura. **Razón y Palabra**, v. 69, p. VII - 2, 2009.

BUTLER, Judith. Regulações de Gênero. **Cadernos Pagu** (42), p.249- 274, 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero: Feminismo e Subversão da Identidade**. Tradução: Renato Aguiar – Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, p.05 – 235, 2003.

FREIRE, Bernard da Trindade Bahia. Palavra-Corpo: o olhar performático do corpo virtual. Atos de escritura 2 [recurso eletrônico] / Organização Bene Martins e Ivone Xavier. Belém, **Coleção Experimentos na Pesquisa em Artes**, p.07-128, 2018.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. O dispositivo pedagógico da Mídia: modos de educar na e pela TV. **Rev. Educação e Pesquisa**, v. 28, n.1, p. 115-162, 2002.

FOUCAULT, Michel. Sexo, poder e a política da identidade. Entrevista com B. Gallagher e A. Wilson, Toronto, The Advocate. **Verve**, 5: 260-277, 2004.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**. 36ª edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009b.

\_\_\_\_\_. **A Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **A Ordem do Discurso**. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2009a.

FURLANI, Jimena. Educação sexual: possibilidades didáticas. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (orgs). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 9 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GARCIA, Juliana Lopes; TOSCANO, Carlos. Gênero na educação infantil: diferenciando meninos e meninas a partir das significações de marcadores externos. **Rev. Contrapontos**, v. 14, n.1, p.186-202, 2014.

GIROUX, Henry A. Memória e pedagogia no maravilhoso mundo da Disney. In: Tomaz Tadeu da Silva (org). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. Petrópolis: Rio de Janeiro, Vozes, p.132-158, 1995.

GUARIENTI, Laisa Blancy de Oliveira. A potência do espaço como desvio no aprender dos corpos deambulantes. **Geograficidade**. v.2, Número Especial, Primavera 2012.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós- Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Ed. 11ª. São Paulo. Editora DP&A, p.07-102, 2006.

LARROSA, Jorge. Tecnologia do eu e educação. In: Tomaz Tadeu da Silva. **O sujeito da Educação**. Petrópolis: Vozes, p.35-86, 1994.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Tradução: Marina Appenzeller, Campinas- São Paulo, Ed. 3º, Papirus, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e Sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, v.19, n.2, p.17-22, 2008.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Ed.6, Petrópolis: Vozes, 2003.

\_\_\_\_\_. Corpo, escola e identidade. **Rev. Educação & Realidade**, v. 2, n.2, 2000.

MAKNAMARA, Marlécio. Afinidades e afinações pós-críticas em torno de currículos de gosto duvidoso. In: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (orgs.). **Metodologias de Pesquisas pós-críticas em Educação**. 2ª edição. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014.

MIRA, Maria Celeste, O masculino e o feminino nas narrativas da cultura de massas ou o deslocamento do olhar. **Cadernos Pagu** (21), p. 13-38, 2003.

MISKOLCI, Richard. A teoria *Queer* e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, v. 11, n. 21, p.150-182, 2009.

OLIVEIRA, Dennis de. Novos protagonismos midiáticos-culturais: a resistência a opressão da sociedade da informação. **Rev. de estudos de Gestão, informação e tecnologia**. Fatec Itaquaquecetuba, São Paulo, v.6, n. 2, p. 17-37, 2016.

OLIVEIRA, Paula Parra Alves de. Transversalidades contemporâneas da performance *queer* na música brasileira: questões de diversidade cultural/sexual. Seminário Internacional Fazendo Gênero, (**Anais Eletrônicos**), Florianópolis, 2017.

PELÚCIO, Larissa. **Olhares plurais para o cotidiano: gênero, sexualidade e mídia**. In: SOUZA, Luis Antônio Francisco de; MAGALHÃES, Bóris Ribeiro de; SABATINE, Thiago Teixeira (orgs). Oficina Universitária, São Paulo, Cultura Acadêmica, 2012.

PRECIADO, Beatriz. **Manifesto Contrassexual**. Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro, São Paulo, n, 1, p.09 - 223, 2014.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teorias Queer**. Belo Horizonte, Ed. Autêntica, 2015.

SANTOS, Ariel Dorneles; DUQUE, Tiago. Eu gosto mesmo é das bixas: Reflexões sobre identidade ao som de Linn da Quebrada. **Rev. Docência e Cibercultura**, Rio de Janeiro, v.3, p.01-25, 2019.

SANTOS, Luan Correia Cunha; SILVA, Yara Cinthya Walker da. Enviadescer no ciberespaço: Linn da quebrada e representação trans no youtube. **Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, Palmas, v. 2, n. 1, p. 58-82, 2018.

SAMARÃO, Liliany. O corpo da publicidade: ideias e apontamentos de Tania Hoff. **Rev. Contemporânea**, n.12, 2009.

SCHÄFFER, Margareth. Subjetividade e enunciação. **Educação & Realidade**. v. 24, n. 1, p. 20-38, 1999.

SILVA, Robson Guedes da; VALENÇA, Karina Mirian da Cruz. Corpos efeminados na escola: a subalternidade em um espaço excludente. **Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa Básica**, Recife, v2, n. 1, p. 36 – 50, 2016.

SANTOS, Artur Henrique da Silva; RAMOS, Paulo César. Apresentação. In: SOUZA, Ana Lucia Silva (org.). **Cultura política nas periferias: estratégias de reexistência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2021.

SOUZA, Valmir de. Cultura nas grandes cidades Globalização e periferia. **Le Monde Diplomatique Brasil**. Ano 4, nº 48, Julho de 2011.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. ed. 12 Tradução de Wagner de Oliveira Brandão. Petrópolis: Vozes, 2011.

VIANNA, Cláudia Pereira. **Os nós dos nós: crise e perspectiva da ação coletiva docente**. São Paulo, Xamã, 1999.

\_\_\_\_\_; SETTON, Maria da Graya Jacintha. O conceito de gênero e a construção dos sujeitos femininos na família: o uso do cinema nas reflexões educacionais. **Rev. Educação**, n.3, p.107-122, 2002.

ZAMBONI, Jésio. Educação bicha: Uma a(na[l])rqueologia da diversidade sexual. **Tese** (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, 2016. 104 p.

*Recebido: 29.05.2021  
Aprovado: 30.06.2021*